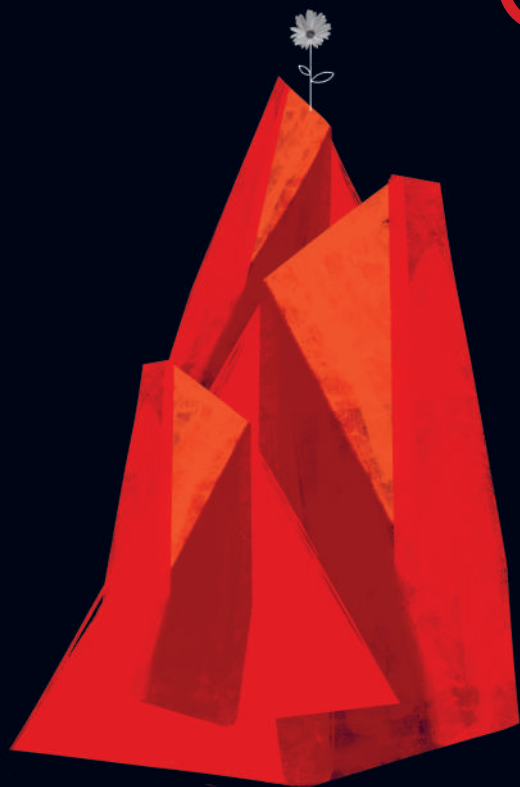


A flor  
e o peixe

Afonso  
Cruz



COMPANHIA  
DAS LETRAS

ESTA HISTÓRIA NASCEU DE UMA PROPOSTA DA PLAY FALSE PARA UM ESPECTÁCULO  
DE TEATRO E DANÇA CUJA BASE SERIAM DUAS HISTÓRIAS DE SARAMAGO,  
*O SILÊNCIO DA ÁGUA* E *A MAIOR FLOR DO MUNDO*,  
SEMENTES QUE MISTUREI PARA CONSTRUIR ESTE LIVRO.  
AGRADEÇO À CATARINA CÂMARA, QUE ILUMINOU OS PRIMEIROS PASSOS E,  
LITERALMENTE, DEU CORPO A ESTE TEXTO, E TAMBÉM A SU DONGPO,  
QUE ME OFERECEU A MAIS PRECISA E PRECIOSA DEFINIÇÃO PLATÔNICA DE VIDA,  
USANDO, PARA ISSO, PEGADAS DE GANSOS.

Todo o céu passa pela teia, mas uma mosca não .....	11
Junto ao rio Yangzi, o silêncio é um peixe.....	17
O peixe, o menino e o fio de sangue que os une .....	25
O absurdo da permanência das coisas .....	30
Uma montanha das que se sobe e uma flor desmaiada no cume.....	35
O que está antes das palavras e um rio gota a gota .....	42
O peixe e a lágrima .....	51
A importância do que se salva .....	59
Subir uma montanha, descer uma montanha .....	66
A mais valiosa beleza que se possui e como a generosidade pode ser um grande equívoco .....	78
Conclusão, o nó e a foz .....	84



# O peixe, o menino e o fio de sangue que os une

1. Triste, porque não foi capaz de apanhar a beleza com um anzol,  
o menino olha para a água que passa por ele, indiferente à sua tristeza, ao vazio que o assombra.
2. Mil peixes, dez mil peixes, cem mil peixes não significam nada, mas aquele sim. Há uma linha e uma cana de pesca e um menino. Há uma linha que os une e que faz de um peixe  
um peixe único:  
mil peixes, dez mil peixes, cem mil peixes que não sejam aquele peixe são areia, são um buraco, são nada.
3. A relação amorosa é uma maneira de apanhar um peixe, diz a aranha. Também uma relação de ódio é uma maneira de apanhar um peixe. Ou uma relação de posse, que é como arrancar uma flor. Independentemente do bem e do mal, quando existe uma linha entre duas coisas, essas duas coisas ficam

atadas, fazem um nó, e hão-de querer, conforme a natureza da linha que as une, amar ou esquecer ou matar ou fugir ou ferir ou beijar.

4. Há mais de três séculos, ouvi o som de um milhão de anos, com todas as suas variantes e improvisos, uma teia com estremecimentos com milhões de anos, diz a aranha. Nada se move, porque tudo o que existiu, existirá ou existe: é.  
Neste momento, o monge Su está a cantar, porque canta há três séculos.
5. Encosta o teu ouvido ao tempo e escuta o barulho da eternidade, diz a aranha. O que se canta nos confins do tempo ouve-se agora, o que se canta nos confins do espaço ouve-se aqui.
6. O menino, ao perder aquele peixe, sente que perdeu tudo, a vida, o coração, o corpo, a paz, e volta a casa para ir buscar uma nova cana para tentar apanhar o mesmo peixe que lhe escapou, e não outro, aquele mesmo. Os mil, dez mil, cem mil peixes que não são aquele peixe são areia, são um buraco, são nada. Por isso, o menino corre para casa. Tem no peito um vazio em forma de peixe, com a forma daquele peixe, onde mais nenhuma forma encaixa, que mais nenhuma forma pode tapar.
7. Decide voltar a casa.
8. Para ir buscar uma cana mais forte.
9. Voltar a apanhar o peixe.
10. O seu peixe.
11. A sua paixão é tão grande, que não se apercebe do absurdo de acreditar que o peixe estará ali à sua

espera, de novo, pronto a morder o mesmo anzol. Julga que, quando regressar, o tempo não terá passado, que é como diz a aranha: o que se fere nos confins do tempo acontece agora.

- 12 . Aquela ida a casa seria apenas um intervalo sem tempo. Uma interrupção do curso natural das coisas. O peixe estará à sua espera, quieto no seu desenho, parado, um átomo, uma molécula, uma semente, congelado no seu movimento: é mineral. O seu movimento é mineral. O peixe estará naquele lugar do rio Yangzi à sua espera, como uma pedra estaria.
- 13 . Em casa, a mãe retoma a ausência do seu sorriso quando vê o filho regressar. Diz a palavra «filho», que é um rio, todo o caudal de um rio, o seu leito e as suas margens. Encosta os lábios finos à testa do menino e vê-o partir de novo com uma cana ao ombro, como um soldado, na esperança de ganhar uma guerra, como se uma guerra pudesse ser ganha: uma guerra só pode ser perdida, é essa a natureza da guerra.
- 14 . O menino volta ao lugar onde antes se sentou a pescar, junto ao sopé do monte Lu, na berma do rio Yangzi, e vê mil peixes a descer o rio, dez mil peixes a subir o rio, cem mil peixes a descer o rio, mas ele quer apenas aquele que feriu, os outros mil, dez mil, cem mil peixes que não são o tal peixe são areia, são um buraco, são nada.
- 15 . O peixe não é como uma rosa de que o menino tenha cuidado, como disse outro menino, ainda que haja aqui um laço invisível, como disse esse mesmo menino, um laço que os une. Mas ouvi-me, exorta





a aranha, porque isto é muito importante, é muito importante porque é muito triste: este laço não tem de ser belo nem bom nem colorido nem perfumado nem sublime nem terno nem sábio nem sequer inócuo. Este laço pode, por exemplo, ter um anzol na ponta.

16 . Sobre isso, o tal menino nada disse.

17 . Não é por fome, claro: o menino não quer saber de mil peixes, de dez mil peixes, de cem mil peixes e da possibilidade de estes mil, dez mil, cem mil peixes matarem a fome a uma, mil, dez mil ou cem mil pessoas. Ele quer aquele peixe, e só aquele, por causa do fio de sangue que os une. Não é por fome. Na sua família, o pão come-se duro. A sua fome é outra, não vem do estômago. O laço pode não ser belo — nem bom nem colorido nem perfumado nem sublime nem terno nem sábio nem sequer inócuo — e terminar em anzol, a brilhar de metal, mas o que o menino deseja é a beleza, capturá-la, apanhá-la com as mãos, tocá-la, mexer-lhe, acariciar a sua beleza, guardá-la em casa como coisa sua, como se fizesse parte dele, uma extensão de si, como a roupa, como um colar de pérolas, como um anel iraniano decorado com uma pedra de lápis-lazúli.

# A flor e o peixe

No sopé do monte Lu, nas margens do rio Yangzi, um menino e uma menina encontram-se sem se encontrarem.

O menino nasceu numa família em que ninguém ri, o pão se come duro e a janela só deixa passar escuridão. A menina nasceu numa família de dançarinos e gosta de distribuir flores a quem passa.

Num peixe que não se deixa apanhar e numa flor cheia de sede, encontram a beleza.




Entre a montanha e o rio, descobrirão a complexa teia que conduz o destino.

Uma fábula poética inspirada em dois contos de José Saramago, da pena de Afonso Cruz, um dos mais premiados autores portugueses do nosso tempo.

AFONSO CRUZ nasceu em 1971, na Figueira da Foz. Tem mais de trinta obras publicadas, entre romances, novelas, teatro, poesia, ensaio e não-ficção. Recebeu vários prémios pelos seus livros, cujos direitos estão vendidos para mais de vinte línguas.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 penguinlivros  
 companhiasletrasportugal

ISBN 9789897847684



9 789897 847684 >